

## O artificialismo sustenta a crise do setor cafeeiro



"As previsões dos produtores estimam que o País conseguirá 15 milhões de sacas no próximo ano."

A florada do cafeeiro, fenômeno biológico aguardado com expectativa este ano em face da prematura geada de fim de maio, mostrou-se desanimadora para os produtores de café, porque indica uma brutal redução na safra 1979/80, que ocorre num mercado cafeeiro difícil, apesar do período de escassez.

Nesse quadro quando encerrávamos esta edição os números do comportamento do setor café eram ainda mais desestimulantes: até a segunda dezena de setembro, nossas exportações de café verde para outubro somavam apenas 300 mil sacas, o que indica, além das sérias dificuldades na exportação, que poderemos, certamente, obter este ano muito menos dólares do que estava previsto para nossa balança comercial. É bom lembrar que a proximidade do inverno nos EUA e Europa é a época dos consumidores fazerem estoques.

O agudo quadro de crise a que chegou a cafeicultura brasileira, cujo destímulo é completado pelo excessivo confisco cambial (143 dólares por saca exportada), parece deixar claro o malogro da política de elevação artificial de preços, intensamente praticada pela antiga diretoria do Instituto Brasileiro do Café e que volta a vigorar.

### AS DISTORÇÕES MAIORES

É certo que em um mercado que tantas implicações tem sobre a econo-

mia brasileira como o cafeeiro, tem de haver um certo grau de intervenção governamental. A sustentação, por exemplo, praticada principalmente pelo controle dos preços de registros de exportação e garantias de preços internos, é uma delas, como forma de proteger a produção brasileira contra as manobras baixistas, normalmente praticadas pelos países consumidores.

Mas a sustentação é um instrumento de utilização limitada, já que a partir de um preço mínimo que remunere o produtor — cujos custos de produção sofrem constantes altas — o mercado deve ser deixado livre, sem intervenções destinadas a provocar preços artificialmente altos.

O artificialismo se encontra sempre no controle governamental sobre a cafeicultura. Mas, em 1976 e 1977, ele foi elevado a um nível perigoso. Em 76, o então presidente do IBC afirmou que aquele seria o ano dos produtores, que seriam recompensados dos prejuízos das geadas de 1975, que praticamente aniquilaram a safra que se seguiria.

Já em 1977, Calazans diria que aquele era o ano da coetivização dos lucros. Ele iniciaria então um período de grandes penalizações ao setor produtivo que ainda hoje representam sérias dores de cabeça aos lavradores.

A última elevação do confisco cambial, que passou de 137 para 143 dólares, é outra destas distorções. Além

de recorde (note-se que em 1975 o confisco cambial era de 30 dólares), essa verdadeira obrigação tributária é hoje superior ao preço de garantia. O preço de garantia está fixado pelo Conselho Monetário Nacional em Cr\$ 3 mil a saca, enquanto, ao câmbio vigente em 26 de setembro, o confisco importava em Cr\$ 4.147,00.

Assim, nesse quadro, a perspectiva das áreas de produção, com base nas floradas de setembro, é de que o Brasil consiga no próximo ano uma safra em torno de 15 milhões de sacas, contra uma previsão oficial, já revista, de 19 milhões de sacas.

O quadro adiante mostra a previsão dos produtores e a previsão do IBC.

Quadro I — Safra de café 1980/81 — colheita em 80 (em milhões de sacas)

Estado	Previsão de:	
	Produt.	Governo*
PR . . . .	5	6,7
SP . . . .	4,5 a 5	5,1
MG . . . .	2	4,1
Outros . .	3	3,1
Total . .	14,5 a 15	19,0

\*Dados do IBC e Sec. Agric. SP

### O TRATAMENTO DIFERENCIADO

As relações entre cafeicultores e o IBC, depois de um grande alento provocado pela posse do embaixador Otávio Rainho da Silva Neves na presidência daquele órgão, começam a se tornar difíceis, em face de fatores não compreendidos ponderarem sobre as decisões da autarquia.

Essas relações, que já não eram boas durante a passada gestão de Camilo Calazans, retornam a um impasse em face de reivindicações não atendidas, como a de um preço mínimo remunerador e uma diminuição gradativa do confisco cambial.

No dia 22 de setembro, reuniram-se em Londrina vários líderes do setor cafeeiro para discussão dos principais problemas que hoje afligem a atividade e que já experimenta uma redução de área plantada — pela erradicação que se promove — no Norte do Paraná.

Na sede da Sociedade Rural do Norte do Paraná, depois de lembrarem que os diversos produtos agrícolas tiveram aumento em seu preço mínimo da ordem de 70 por cento, os